

PAMURI MAHSA UHPU DO'TOA NUKAKA'RO
Perspectiva da Cosmologia Um̄eri Mahsa-Wahari D̄ehpotiro Porã para os primeiros momentos da materialização do corpo.

Judimar Sarmiento Fernandes¹

Resumo

Este artigo traz uma parte do processo de materialização do corpo na perspectiva cosmológica que é base de pensamento e modo de viver do povo Desana, também compartilhada por outras etnias na Terra Indígena Alto Rio Negro, Amazonas. Anteriormente, meu avô e meu pai publicaram conhecimentos sobre essa cosmologia (FERNANDES & FERNANDES, 1996 e 2006). Fazendo parte dessa continuidade, os conhecimentos são a mim repassados. Trarei relatos que escutei de meu pai. Como método, transpassei em desenhos algumas passagens. Trarei aqui as ilustrações, transcrições de falas de transformação e proteção que, para o momento, não foram traduzidas. Relatarei os primeiros momentos da materialização do corpo.

Palavras-chave: Povo Desana; Cosmologia; Alto Rio Negro

Abstract

This article presents part of the process of materialization of the body in the cosmological perspective that is the basis of thought and way of living of the Desana people, also shared by other ethnicities in the Alto Rio Negro Indigenous Land, Amazonas. Previously, my grandfather and my father published knowledge about this cosmology (FERNANDES & FERNANDES, 1996 and 2006). Being part of this continuity, knowledge is passed on to me. I will bring stories that I heard from my father. As a method, I drew some passages. I will bring here the illustrations, transcriptions of speeches about transformation and protection that, for the moment, have not been translated. I will report the first moments of the materialization of the body.

Keywords: Desana People; Cosmology; Upper Rio Negro.

¹ Graduando pelo Departamento Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. Participa do Centro de Cultura Indígena (UFSCAR). Colaborador do PET/INDÍGENA-saberes 2023/2024. Judimar@estudante.ufscar.br

1. Introdução

Apresentaremos um pequeno esboço no sentido de dar continuidade aos livros: A MITOLOGIA SAGRADA DOS DESANA-WARI DIHPOTIRO PÕRÃ (1996) e BUERI KÃDIRI MARIRIYE OS ENSINAMENTOS QUE NÃO SE ESQUECEM, (2006). Foram publicados pelo meu avô Diakuru, Américo Castro Fernandes e meu pai Kisibi, Durvalino Moura Fernandes, dentro da coletânea “Narradores Indígenas do Rio Negro. Memória, Identidade, Patrimônio cultural e Perspectiva para o futuro” lançada pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro-FOIRN. O projeto da FOIRN iniciou-se em 1995, como parte de seu programa de resgate e de revigoração da cultura tradicional dos vários povos que moram na região do Rio Negro (FERNANDES & FERNANDES, 1996, p.7).

O povo *Um̃eri Mahsa* do clã *Wahari D̃ehpotiro Porã* é uma das 23 etnias existentes no Território Indígena denominado Alto Rio Negro, e um dos quinze grupos Indígenas da família linguística tukano oriental localizados na região do rio Uaupés. A comunidade Igarapé Cucura onde a família do clã se localiza se situa no *Pugã Yã* afluente do rio Tiquié.

O trabalho que o leitor encontrará é um dos conhecimentos sobre a história da vida e do mundo a partir do ângulo da etnia *Um̃eri Mahsa*, onde para o povo as informações têm uma importância significativa, pois, esses conhecimentos são os fundamentos para a prática xamânica da cura e proteção do corpo.

Segundo os relatos, a cosmologia é repassada de geração em geração desde os primeiros momentos do corpo materializado, portanto milenares e imemoriais, mas que podem ser contados a partir do meu tetravô Kisibi Minitu, trisavô Diakuru Manoel Ramos, bisavô Kisibi Venâncio, o meu avô Diakuru Américo e agora o Kisibi Durvalino (meu pai). Todos grandes líderes importantes, que guardaram consigo os mais complexos e profundos conhecimentos que organizam não só a estrutura social da etnia, mas, o mundo e a vida em si.

Pela preocupação dos autores que esses conhecimentos desapareçam, resultaram em 1996, publicação do primeiro livro como mencionado anteriormente e o segundo em 2006. E que agora, a partir de mim, surge a oportunidade de aprofundar na cosmologia redigida pelo meu avô e meu pai, numa forma de perpetuação e clareamento no sentido real desse conhecimento. Pois para a etnia, assim como as outras que pertencem à região, essas histórias são fatos verídicos.

Os *Um̃eri Mahsa* do clã *Wahari D̃ehpotiro*, assim como as outras etnias da redondeza, têm a sua versão e suas particularidades para contar sobre a vida e o seu lado metafísico antes

da existência do corpo dito humano. E detalha de uma forma minuciosa cada momento do processo que foi intencional sobre a materialização das alma de muitos povos. Relatos que possuem o início e o meio, mas, não o fim.

Neste artigo, temos a pretensão de comentar ou relatar apenas uma pequena e importante parte do momento antes do processo de materialização dos seus corpos. Traremos imagens. Também uma fala de fazer e de proteção que estarão em língua *Um̄eri Mahsa*.

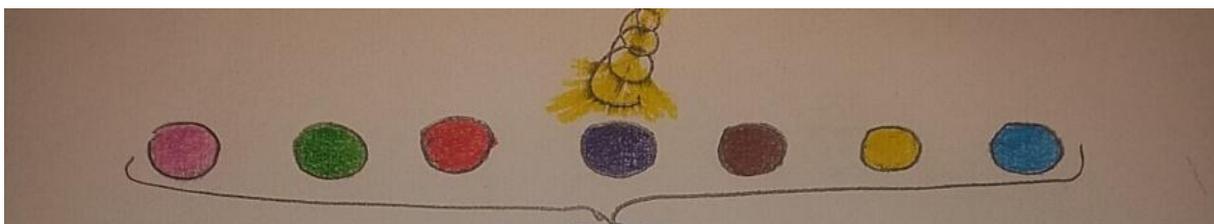
Um dos métodos que usei para registrar o diálogo com Kisibi Durvalino Moura Fernandes, um dos autores dos livros, foi uma materialização da fala através dos desenhos, pois me senti mais confortável trabalhando dessa forma e assim o fiz. Dentre outras várias falas que materializei, apenas quatro estão neste trabalho. E o momento que está destacado na imagem da figura 3, que explicarei adiante.

É apenas a fase inicial do processo de materialização dos corpos. Ocorre antes da viagem dos futuros corpos com destino onde atualmente é conhecida como a Cachoeira de Ipanoré, que fica localizada no baixo rio Uaupés. É importante lembrar que quando se fala sobre esses acontecimentos complexos é impossível não comentar, de uma forma breve, as histórias anteriores a esse processo, pois, tudo está interligado entre o mundo metafísico e o físico para esses conhecimentos.

2. Uma breve História sobre o acontecimento anterior à materialização

A vida existente como todo, do Planeta Terra e ao seu redor segundo a perspectiva do grupo, é regida de setes *Hukariro* (vidas, elementos) que são fundamentais para a existência da parte micro à macro das coisas que fazem parte das paisagens, dos corpos que existem, e resultam nas coisas visíveis para os nosos olhos e de todos os seres vivos que residem a casa mundo. Os elementos são *Dehko Hukariro* (vida água), *Yeba Hukariro* (vida terra), *Boré* (vida luz), *Peame Hukariro* (vida fogo), *Waimura Hukariro* (vida animal), *Õme Hukariro* (vida ar), *Yuhku Hukariro* (vida vegetal).

Figura 1. Setes vidas/elementos



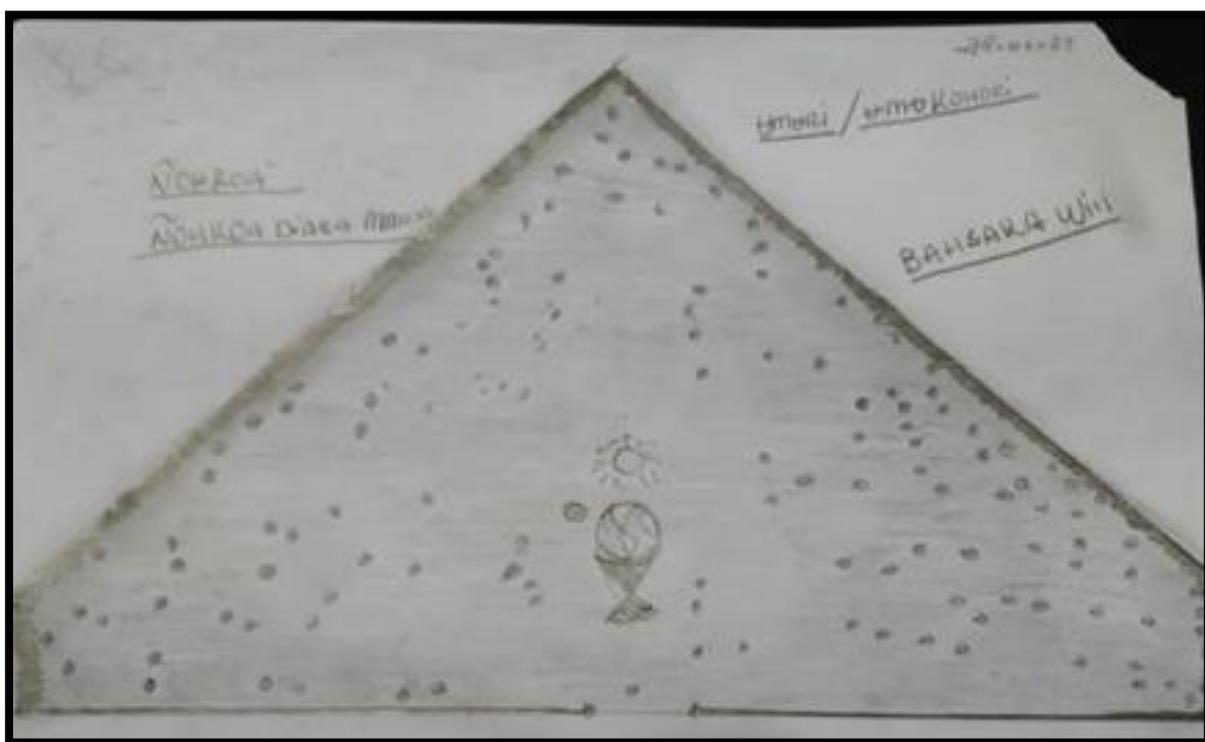
Fonte: Judimar Sarmiento Fernandes

Os setes *Hukariro* possuem histórias particulares, onde em certo momento saem da dependência de um lugar poderoso denominado *Ñama Kuru Mahsa Gobe* (no momento ainda sem tradução a esse nome que denomina o centro da Via Láctea). Após isso, se situaram em um lugar em que sentem que podem fazer as suas próprias vidas. É a localização onde o planeta Terra se encontra atualmente.

Logo após isso, percebem que, separados, não possuíam forças suficientes, e depois de muitas estratégias e planejamentos. Fazem uma simbiose e se aglomeram para pensar juntos, e a partir desse momento se auto-denominam *Wihõ Mahsu* (ser invisível de grandes poderes, resultante da junção dessas setes vidas/elementos). Com seus poderes adquiridos a partir da junção, projetam um lugar que propicie um equilíbrio entre eles e a sua redondeza.

Com os poderes obtidos, delimitam e protegem o lugar e ao longo de muito tempo fazem o trabalho de configurar essa delimitação. Essa delimitação no universo é idêntica às grandes casas que foram destruídas pelos missionários durante o século XX ao chegarem na atual Terra Indígena Alto Rio Negro. O planeta Terra está internamente localizado e protegido por essa estrutura.

Figura 2- Estrutura da planta da casa projetada pelo *Wihõ Mahsu*



Fonte: Judimar Sarmiento Fernandes

A simbiose dessas sete vidas/elementos, resultaram num ser de força de criação *Wihō Mahsɛ* e, a partir do poder deste, fizeram existir e funcionar toda essa estrutura da casa projetada para se ter vida. A estrutura onde o mundo está localizado não pode ser confundida com o universo todo. Foi delimitada uma parte na escuridão cósmica. O *Wihō Mahsɛ* delimitou, protegeu e fez em uma estrutura de uma casa.

No entendimento do clã, a vida no planeta Terra é dividida em vários momentos cruciais. Logo após projetar a estrutura protetiva em formato da casa, e logo depois de projetar a própria Terra, o *Wihō Mahsɛ* com seus poderes faz surgir sete seres semelhantes a ele e com os mesmos poderes. Esses seres seriam os líderes das etnias após a materialização, também responsáveis para compor o equilíbrio da casa planeta Terra e finalizar toda a sua produção:

Abe: Sol, ser responsável por vigiar a casa de cima, e também pelos alguns poderes que equilibram a casa.

Deyubari Gōamɛ: Ser conhecimento da caça, responsável pela inteligência da caça e suas tecnologias.

Baaribo: Ser frutas comestíveis, responsável pelas frutas silvestres ou da roça.

Bohsari Gōamɛ: Ser Natureza, responsável por toda a vida visível e invisível.

Wanani Gōamɛ: Ser Veneno, responsável pela parte da natureza que possui venenos.

Amō: Ser nascente das águas, responsável pelos poderes que existem nos nascentes dos rios.

Yugupo: Ser foz dos rios, responsável pelo poderes que existem onde os rios desaguam.

No mundo, todos os seres animais, os vegetais e os minerais, descendem dessa simbiose das sete vidas/elementos. Só os seres animados são denominados *Wihō Mahsa* (Seres Invisíveis de grandes poderes), nome semelhante ao do seu antecedente. Segundo os relatos, desde o princípio habitam esse lar. O planeta Terra é um projeto que foi feito para a existência deles, onde sobreviveram a várias catástrofes e fases que a casa teve que passar.

Kisibi Durvalino reforça que todos esses momentos de explosões e catástrofes da casa, e entre outras coisas, foram a parte da configuração e o preparo do lugar antes da materialização dos corpos.

3. O início do processo da materialização dos *Wihō Mahsa* para o corpo “Humano”

Desde as histórias do princípio das vidas/elementos, se passou um tempo imemorial até chegar no momento descrito na imagem da figura 3. Aconteceram muitas guerras e desentendimentos entres os seres vivos que habitam a casa.

Os setes líderes mencionados antes, nessa dimensão não continham *su'ti* que designa o corpo, a roupa. Desse modo, procuravam uma maneira de se materializar. Eram sem um tipo de organismo, mas, as outras espécies que já existiam no mundo diferentemente destes, já detinham *su'ti*. O *su'ti* dessas espécies são esses organismos dito animais que vemos, mas, nesse mundo, eles são antropomórficos.

Quando os setes líderes se relacionavam com os seus parentes de outras espécies, os seus filhos sempre ganhavam o *su'ti* daquela espécie. Por exemplo, quando um desses líderes se relacionavam com uma espécie de formiga, anta ou cobra, os seus filhos automaticamente no seu nascimento vinham no corpo da formiga, anta ou cobra. Contudo, o sangue e espírito desses filhos eram dos líderes.

Então, os setes líderes que tiveram a responsabilidades para reger o planeta Terra foram tendo relações com outros seres e foram se procriando desde o princípio, da mesma forma também os seus descendentes (filhos, netos, bisnetos...) foram se proliferando e criando um inimaginável sistema de parentesco com vários espécies de seres vivos, até o momento em que o *wihō mahsɛ* - como prometido após criar esses líderes - cedeu o processo para os de seu sangue materializarem a sua alma, e através disso ir para outra dimensão.

Durou muito tempo até esse momento chegar, tanto que alguns como os descendentes dos *wihō mahsɛ*, sol e trovão, cansaram e desistiram desse prometido. Acabaram se alocando em algum lugar dentro da estrutura metafísica da casa que contém a vida, e moram até atualmente nesses lugares. Por exemplo, as famílias do *Abe* (sol) moram próximo onde o mundo ocidental conhece como a constelação das Três Marias. Para os *Um̄eri Mahsa*, a constelação se chama *Yohoka Dɛhpɛ*. Uma tradução aproximada seria “Cabo de Enxó”.

Para os que permaneceram persistentes nesse objetivo, chega o momento tão desejado. E tudo isso estava acontecendo na estação de chuva, conhecida na cosmologia como *Pamō Puiro* (chuva da constelação do tatu).

Sendo que todo esse acontecimento estava situado no *Dia Ohpekō Dihtaru* (Lago/Cuia do Leite/Remédio, conhecido atualmente como Baía de Guanabara na cidade de Rio de Janeiro e as suas proximidades).

Antes desse objetivo, tiveram que chegar a um consenso em que espécie dariam o início a esse processo de materialização. Onde por eles foi decidido que dariam a largada com a forma de peixes. Para isso, tiveram que se transformar nessa espécie. *Wihõ Mahsɛ* preparou-se com seus poderes a metamorfose para peixes. Também preparou e protegeu os lugares, pelos quais teriam que passar ou utilizá-los. E assim, orientou-os para o início desse procedimento.

Usando as seguintes palavras começou a proteger e preparar os lugares com seus poderes. O primeiro foi o lugar/cuia sagrado Casa da Nuvem, de onde a chuva desceria:

*Abepa koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa siyãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da,
dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-da, ñiri-da,
dehko tõri merã
dehko mesu peopɛ.*

*Utãbɛ koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa siyãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-da, ñiri-da,
dehko tõri merã
dehko mesu peopɛ”.*

*Wayukɛ koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa siyãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-da, ñiri-da,
dehko tõri merã
dehko mesu peopɛ”.*

E depois, de uma forma metafísica, cita Cipó Tõpa, que é uma planta rasteira de fruta doce (*Sabicea amazonica Wernh.*). Estica e liga essa rama em dois lugares preparados por ele. Uma localizada na Casa Nuvem onde a água os esperava, e outra no *Dia Ohpekõ Dihtaru* (Lago/Cuia do Leite/Remédio, a atual Baía de Guanabara). Usa as seguintes palavras para esse feito:

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
mahsã dotoari da,
mahsa sihari da,
ɛmɛri mahsa
diro da bori-da,
diari-da, ñiri-da,
dehko tõri merã,
dehko mesu peo,
sihãã peopɛ.*

Depois direciona as suas palavras de proteção para esse Lugar/Cuia *Dia Ohpekõ Dihtaru* (Baía de Guanabara):

*koasoropa koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa sihãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-bori-da, ñiri-da,
dehko tori merã
dehko mesu meopɛ.*

*Ñahsãpa koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa sihãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-bori-da, ñiri-da,
dehko tori merã
dehko mesu meopɛ.*

*Bayerikopa koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa sihãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-bori-da, ñiri-da,
dehko tori merã
dehko mesu meopɛ.*

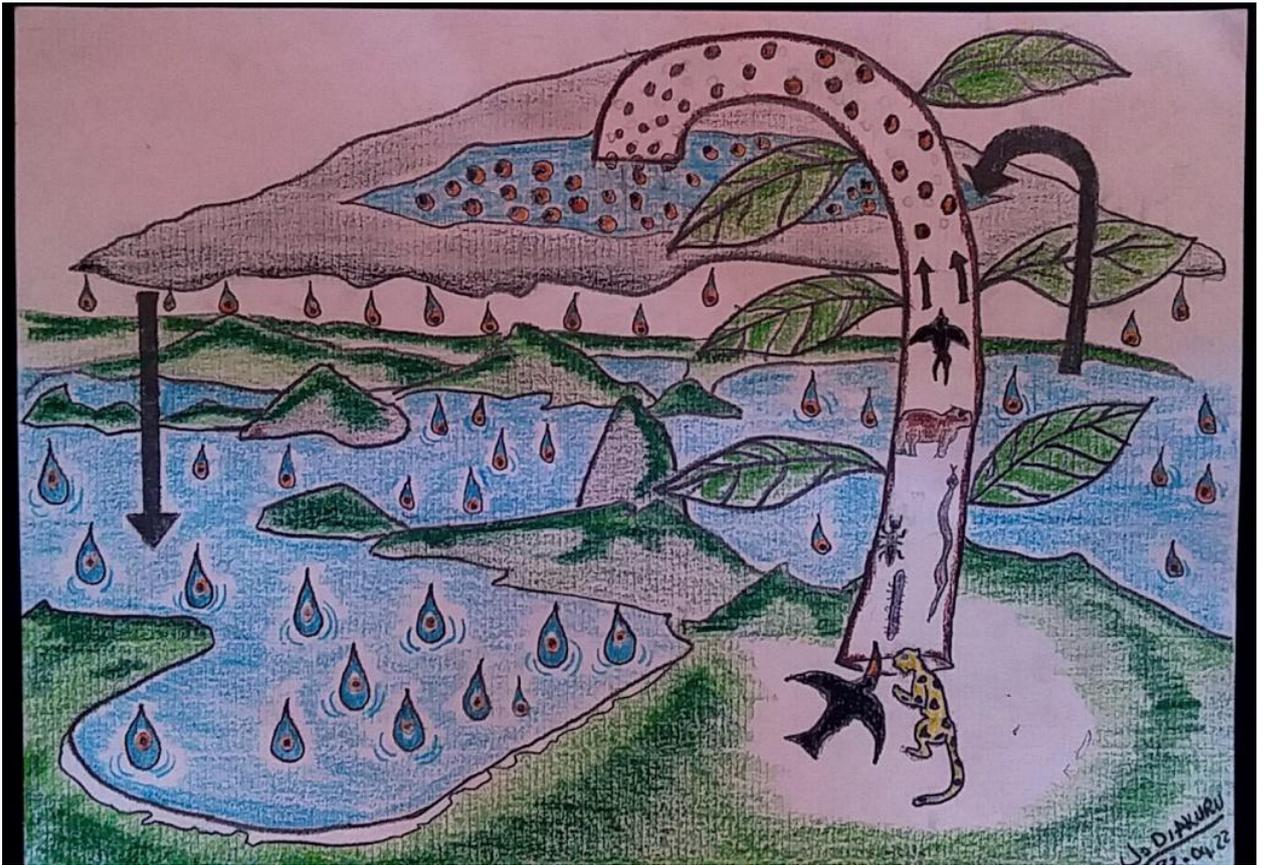
*Koasoro nomepa koasoro,
mahsa dotoari koasoro,
mahsa sihãri koasoro,
ɛmɛri mahsa diro koasoro.*

*Tõpa-da, dɛhkapa-da,
dɛhka-nome-da,
dɛhka-bori-da,
diari-bori-da, ñiri-da,
dehko tori merã
dehko mesu meopɛ.*

A partir desse momento, começa a metamorfose para peixes. Foi feita uma chamada e todos os filhos de líderes e seus descendentes. Eles flutuaram no ar, e permearam pela seiva do Cipó Tõpa. Começaram a subir. No meio do caminho, se deu o início à transformação.

No primeiro momento, ainda dentro do Cipó Tõpa, se tornaram em pequenos ovos de peixes e todos começavam a cair dentro do lugar/Cuia da Casa Nuvem. E logo após esse acontecimento, começaram a cair junto com as gotículas de água da chuva na direção ao *Dia Ohpekõ Dihtaru*, onde no primeiro contato com esse lugar se transformaram em peixes alevinos.

Figura 3- Início do processo da materialização



Fonte: Judimar Sarmiento Fernandes

As futuras etnias precisaram ficar no *Dia Ohpekõ Dihtaru*, e na sua praia denominada *Imipa Wi'i* (Casa de Areia) por algum tempo para construírem o seu transporte. E, então, *Wihõ Mahsɛ* decide proteger a praia também com as seguintes palavras:

*Koasoropa wi'i,
Imipa Wi'i,
Um̄ri wi'i,
sihãri wi'ka,
mahsa diro wi'i,
mahsa do'toari wi'i,
mahsa ohpekõ wi'i
sihãri peopɛ.*

Quando o transporte ficou pronto, todos embarcaram para começar o processo de materialização. O *Wihō Mahsɛ* com seus poderes protegeu o transporte com as seguintes palavras:

*Pamɛrĩ yuhkɛsiru,
Umɛri Mahsa
sĩhãrĩ yuhkɛsiru,
Diro yuhkɛsiru,
Ohpekõ yuhkɛsiru,
Sĩhãrĩ yuhkɛsiru
sĩhãã peopɛ.*

E para finalizar a fase inicial desse processo do ganho do corpo, esticou o mesmo Cipó Tõpa que utilizara antes para ligar os lugares/cuias da Casa Nuvem ao *Dia Ohpekõ Dihtaru*. Direcionou o cipó até a finalidade dessa viagem: a Cachoeira de Ipanoré. A intenção era de guiá-los, protegê-los e alimentá-los de um jeito metafísico por meio das suas substâncias. Nesse momento, o cipó foi denominado *Sõmu Siga-dá*, que pode ser traduzido como Cordão Umbilical.

Quando começou a viagem, com os futuros corpos já dentro do transporte, várias outras espécies do mundo que não detinham o sangue dos líderes também os seguiram. E isso com a intenção de, em qualquer vacilo, penetrar nesse transporte também, pois, a materialização das almas era o desejo de todos os seres.

Antes disso, já havia guerras entre as espécies. Durante a viagem, piorou em combates turbulentos, e os conflitos se mantiveram até quase o destino final da viagem. Muitas das futuras etnias foram mortas. Essas guerras, essa raiva dos não transformados continua até hoje. Por isso, é importante a proteção do corpo realizado pelos xamãs contra as investidas de ataques através das doenças.

Mesmo assim, o processo de materialização teve o início com a finalidade de chegar até o seu destino, a Cachoeira do Ipanoré localizada no baixo rio Uaupés. Só chegaram os que conseguiram sobreviver toda a viagem.

Figura 4- A partida do transporte de materialização



Fonte: Judimar Sarmiento Fernandes

4. Conclusão

Sendo assim, para elucidar um pouco mais os trabalhos anteriores do meu avô e do meu pai, foi contada até o presente momento apenas a pequena parte inicial de todo o procedimento da materialização desse corpo atual. Os conhecimentos da etnia *Um̄eri mahsa*, assim como as de outros povos da região, são bastante complexos e de difícil tradução. Em outro momento, nos deteremos em uma prática de tradução das palavras de proteção de modo a trazer a minúcia da língua desana e a nomeação dos lugares e trajetos.

O processo completo da materialização para o corpo dito “humano” dentro de toda a cosmologia *Um̄eri Mahsa*, também é apenas uma parte final de toda as histórias metafísicas que a etnia tem dentro dos seus conhecimentos. Se entendermos bem, é uma etnia que narra as suas histórias que vivenciou antes da materialização, relatos do mundo espiritual. Para o povo, não tem mistério nenhum sobre o conhecimento de si mesmo, tanto no momento sensível e metafísico do corpo.

Contudo, infelizmente, há perigo de se perder pelo desinteresse da nova geração, pela influência violenta de uma lógica dominante. Por isso, o interesse do meu avô e do meu pai em registrar em livros no intuito de perpetuá-los - esses conhecimentos para a etnia e também para as nações em geral da Terra Indígena do alto Rio Negro. São relatos que aconteceram realmente, e que precisam ser trabalhadas com mais profundidade e cuidado para não serem confundidas com fábulas ou contos.

Os relatos que foram aqui apresentados são narrativas que retratam o universo ao qual pertecemos, o mundo em que vivemos e o território em que coexistimos. E para finalizar, é bom lembrar que esses conhecimentos vêm de líderes importantes e respeitados, que guardaram consigo os mais complexos e profundos conhecimentos que organizam, não só a estrutura social da etnia, mas, o mundo e a vida em si.

Referência Bibliográfica

FERNANDES, Américo, FERNANDES, Durvalino. **A mitodologia sagrada desana**. WARI DIHPOTIRO PÕRÃ. São Gabriel da Cachoeira-AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, 1996.

FERNANDES, Américo, FERNANDES, Durvalino. **Os ensinamentos que não se esquecem**. BUERI KÃDIRI MARÏRIYE - São Gabriel da Cachoeira-AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, 1996.